

Apresentação

A maioria de um projeto

Faz parte do senso comum supor que a função do historiador contenha uma perspectiva profética. Não bastassem todos os percalços da pesquisa sobre o passado, ainda exigem que possamos especular o futuro. O futuro, dirá um profissional da área, não pode ser previsto porque não existe, ele depende de muitas ações e decisões individuais e coletivas, numa trajetória absolutamente não linear.

Há vinte anos ninguém poderia ter previsto o destino de uma idéia ousada: abrir um mestrado em História numa Universidade particular do interior do Rio Grande do Sul. Para entender a novidade da idéia, devemos voltar muitos séculos. Ao contrário da América Colonial Hispânica, a política da Coroa e da Igreja favoreceu, desde o século XVI, uma grande quantidade de Universidades. Encontrávamos cursos superiores na Cidade do México, em Lima e em Santo Domingo. Na pequena Quito colonial, por exemplo, havia três universidades em saudável disputa pela excelência acadêmica.

Situação quase inversa viveu a América portuguesa. Portugal não estimulou estudos universitários nas suas possessões. A elite brasileira deveria ir até Coimbra ou outras instituições para obter um título. No século XIX, instalaram-se cursos superiores como o de direito em São Paulo, mas apenas no século XX surgiram instituições universitárias no sentido estrito do termo.

Importante ressaltar que as universidades que começavam a surgir eram, na sua maioria, iniciativa estatal, como a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, e a Universidade de São Paulo. Fora do âmbito das instituições públicas, nasciam as PUCs ligadas ao universo católico e outras confessionais, como a Universidade Presbiteriana Mackenzie (1952).

Formar a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) no interior do Rio Grande do Sul e dotá-la de uma pós-graduação com mestrado e doutorado era, ao mesmo tempo, uma profunda continuidade e uma profunda ruptura.

A continuidade diz respeito à tradição pedagógica jesuítica, que, especialmente no Brasil, é a instauradora da nossa primeira educação. Da chegada do Pe. Nóbrega, em 1549, até as reformas pombalinas do século XVIII, praticamente toda educação colonial transcorreu sob égide inaciana. Vista por este prisma, uma universidade jesuítica faz parte de uma extensa linha de continuidade sobre o ensino e pesquisa no Brasil.

A ruptura incide sobre nossa escassa tradição universitária, o domínio absoluto das instituições públicas nos primeiros anos da vida universitária brasileira e pela concentração dominante nas capitais. Também há uma descontinuidade no estabelecimento da UNISINOS como um centro de produção de conhecimento e não apenas na nossa sólida tradição bacharelesca e logógrafa. Para isso, desde o início, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos investiu na constituição de uma boa biblioteca, hoje com quase meio milhão de títulos.

O passo decisivo para uma universidade é a constituição de um sistema forte de elaboração de pesquisas na forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Não existe, de fato, saber universitário apenas baseado na organização e repetição do conhecimento acumulado. Uma universidade é, antes de mais nada, um centro criador. A pós-graduação é uma maneira de alimentar um sistema que se torna cada vez mais orgânico, pois une a organização sistemática do conhecimento com a inovação e crítica da sua extensão.

Para ir ao encontro deste eixo constituidor da vida universitária, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos criou, em 1987, a Pós-Graduação em História.

Um mestrado é um projeto caro. O custo de professores e investimentos materiais implica decisões que são, antes de mais nada, de política acadêmica. Implantar um núcleo de Pós-Graduação revela mais o estadista do que o político imediato. Aposto,

sem retorno material imediato, num futuro distante. Aqui o visionário deve suplantar o amanuense burocrático. Foi o que ocorreu.

Os nomes e sobrenomes do corpo docente fundador devem ser observados: Aloysio Bohnen, Arno Alvarez Kern, Arthur Blásio Rambo, Arthur Rabuske, Bartolomé Meliá, Beatriz Vasconcelos Franzen, Blanca Luz Brites, Helga Iracema Landgraf Piccolo, Herbert Ewaldo Wetzel, Maria Lucia Kern, Pedro Ignácio Schmitz, Rafael Carbonell de Masy, Ruy Ruben Ruschel, Roque Lauschner, Antonio Carlos Wolkmer, Antonio Paulo Cachapuz de Medeiros, Ítala Irene Basile Becker, José Odelso Schneider e Silvia Moehlecke Copé. Há um forte acento de ascendência alemã no grupo original. Isso revela que não apenas a UNISINOS estava chegando a um novo patamar de concepção de universidade, mas também que a comunidade de origem germânica que iniciara a colonização do Vale dos Sinos em 1824 e se espalhava por muitas áreas chegava, 163 anos após sua estréia em São Leopoldo, a um crescimento acadêmico a ponto de prover tantos nomes titulados e de excelência. O estabelecimento de uma Pós em História marca, assim, não apenas a maturidade da UNISINOS, mas igualmente da comunidade orgânica que a cercava.

Um dos segredos de um bom centro acadêmico está na escolha de suas Linhas de Pesquisa. Elas não devem circunscrever a aldeia como o único universo possível, mas jamais devem ignorar o espaço sobre o qual se constituem. Talvez seja este um dos segredos do sucesso e da produtividade da Pós-Graduação que se iniciou há 20 anos. Por um lado, o recorte lógico foi o espaço da América e suas diversas interações com forças que atuavam/atuam na constituição da realidade multifacetada do continente. Por outro lado, combinam-se nos recortes o diálogo do geral e do local, do projeto ibérico e eclesástico distante e da movimentação de imigrantes pela região. Assim, contempla-se o local com a perspectiva do geral e não se elimina da produção o diálogo com o espaço sobre o qual se constituiu a UNISINOS.

A abundância de fontes documentais e a inserção corporativa da UNISINOS estimularam o surgimento da linha de pesquisa: “Populações Indígenas e Missões Religiosas na América Latina”, integrada atualmente pelos pesquisadores: Eliane Cristina Deckmann Fleck; Jairo Henrique Rogge; Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, S.J.; Maria Cristina Bohn Martins e Pedro Ignácio Schmitz, S.J.

Também surgiu a Linha de “Idéias e Movimentos Sociais na América Latina”, integrada pelos pesquisadores Cláudio Pereira Elmir; Flávio Madureira Heinz; Heloísa Jochims Reichel; Marluza Marques Harres e Paulo Roberto Staudt Moreira. Por fim, completando um leque amplo, a linha Colonização e Imigração na América Latina, com os pesquisadores Ana Sílvia Volpi Scott; Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos, Karl Monsma e Martin Norberto Dreher.

Do ponto de vista cronológico, as três Linhas de Pesquisa abrangem um recorte que vai das primeiras populações indígenas até os movimentos contemporâneos. Positivamente cromática na composição, professores e pesquisadores incluem padres jesuítas, leigos e luteranos, homens e mulheres, jovens e outros com mais experiência. A diversidade do grupo evidencia a crença num saber holístico que não pode ser englobado por apenas um recorte humano ou corporativo. Aposto-se na diversidade em todos os seus aspectos.

Também é importante ressaltar a inserção internacional do projeto. Os professores, como em todo núcleo de excelência, viajam bastante a congressos pelo mundo, recebem pesquisadores visitantes de outras instituições. Por fim, o Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS mantém convênio com universidades da América Latina, como o Programa de Doutorado em História da Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires (UNCPBA), de Tandil, Argentina (Projeto CAPG-BA 24/05, Capes/SPU-Ministerio de la Educación Nacional), além de abrigar a Cátedra Manoel da Nóbrega, em parceria com o Instituto Camões, de Lisboa.

Até maio de 2007, a idéia pioneira imaginada há 20 anos tinha produzido 146 dissertações e 20 teses. Não são apenas estes notáveis 166 trabalhos de pós-graduação que marcam a qualidade do projeto. Com o Mestrado e, posteriormente, o Doutorado, o projeto adquiriu a capacidade de alçar toda a concepção de pós-graduação na Universidade e de tornar a Unisinos um grande centro produtor de idéias. Atendeu-se a uma demanda de mercado, mas, acima de tudo, alastrou-se com o projeto a sistemática de formação de professores e pesquisadores que realimentam o conhecimento no padrão universitário pelo interior do estado do Rio Grande do Sul e por outros estados e países.

Consta em piedosa anedota hagiográfica, que Santa Terezinha de Lisieux, desolada com suas agruras na oração, buscou o conselho de uma carmelita nonagenária. A sábia anciã disse à jovem e angustiada mística: “Minha querida, no Carmelo só são difíceis os primeiros 50 anos”.

Bem, a pós-graduação em História da UNISINOS já completou 20. Talvez os próximos 30, como queria a carmelita, ainda contenham algumas adversidades. No plano da longa duração, temos a convicção de que as décadas seguintes mostrarão a solidez da idéia surgida em 1987. Que venham os próximos anos!

Prof. Dr. Leandro Karnal
Professor de História da América no Departamento de História do IFCH-Unicamp (SP)

O Dossiê

A história da Linha de Pesquisa *Populações Indígenas e Missões Religiosas na América Latina* se confunde com a história e com o Projeto da própria Universidade que a abriga, haja vista o interesse dos membros da Companhia neste tema e a larga trajetória de estudos acerca do mesmo, produzidos pelo Instituto Anchietano de Pesquisas. Fundado em 1956, para congregar jesuítas da província meridional da Ordem que desenvolviam pesquisas nos colégios e na missão de Diamantino (Mato Grosso), e para facilitar a publicação de seus trabalhos e garantir a continuidade de seus projetos e acervos, o IAP construiu uma sólida tradição de pesquisas na área, à qual se somaram aquelas que vieram a desenvolver-se no âmbito do PPGH.

A Linha se apresenta tendo como temas de interesse os relativos às populações indígenas, ao processo de conquista, evangelização e colonização da América Latina, bem como seus desdobramentos político-econômicos e socioculturais na construção da identidade latino-americana. Entre os focos de análise privilegiados, sem dúvida, sobressaem-se aqueles que tomam por objeto o processo de ação missionária da Companhia de Jesus que resultou, entre outras coisas, no estabelecimento dos chamados “30 Povos das Missões”.

Contudo, considerando que a “missão” foi uma experiência que transcendeu territórios, tendo sido desenvolvida historicamente em espaços tão distintos quanto o Prata, o Chile, a Amazônia e as áreas contíguas do Oriente boliviano, por exemplo; que, nas suas várias manifestações, uma nova noção de territorialidade decorreu desta estratégia de conversão e de civilização; que as populações indígenas que foram objeto desta política missionária responderam a ela de forma diferenciada; que nestas múltiplas fronteiras em que espaços foram ocupados e reocupados, produziram-se práticas culturais que podem ser objeto de estudos comparados em suas singularidades e em suas recorrências, os pesquisadores vinculados à Linha têm procurado integrar estes temas às suas reflexões.

O presente Dossiê espelha este avanço das perspectivas de análise sobre o tema que originalmente marcou o trabalho da Linha, assim como a interlocução corrente com especialistas de outras instituições, evidenciando o esforço dos pesquisadores em acompanhar as tendências historiográficas mais recentes, não só no que tange aos estudos culturais, como aos que vêm renovar a história social e compor uma nova história indígena.

Refletindo este estado da arte, os artigos de Arnt, Avellaneda, Neumann, Quarleri e Torres-Londoño escapam de análises simplistas sobre a época colonial, atendendo a este repto que é o de recuperar-se o papel dos grupos indígenas na formação das sociedades e culturas do continente. Para tanto, os autores ultrapassam a mera adoção de uma visão de crítica ao colonialismo e denúncia das suas tremendas conseqüências em relação aos nativos, para efetivamente refletirem sobre *mecanismos de resistência, assimilação defensiva e recuperação*, isto é, sobre as formas através das quais interagiram com a sociedade colonial e ajudaram a conformá-la.

Como instituição colonial, as reduções diferenciaram-se segundo as circunstâncias históricas e as particularidades étnicas e regionais de onde existiram, assim como segundo as intenções de seus fundadores e responsáveis. Daí podermos concordar com a afirmação de Bartomeu Meliá de que *a missão por redução é um método e uma história, um modo de proceder e uma atuação do mundo colonial*. Esta perspectiva justamente é aquela que é abordada nos artigos de Barcelos, Carvalho da Silva, Domingues, Franco e Santos. Finalmente, Chamorro-Argüello contempla, em seu texto, as possibilidades abertas pela atual recuperação do gênero biográfico, vinculando-o ao tema da missão por redução.

Eliane Cristina Deckmann Fleck e
Maria Cristina Bohn Martins
PPGH – UNISINOS

